

A Salvador do Mundo: Amplificação simbólica de um Mito de Oxum

Ricardo Assarice dos Santos¹

Resumo Este trabalho pretende apresentar de forma sintética algumas possíveis correlações simbólicas entre a mitologia lorubá e alguns simbolismos alquímicos. Através do paradigma junguiano, foi realizado uma amplificação simbólica de um mito chamado “Oxum é transformada em Pavão e Abutre” e dele extraído algumas analogias com símbolos e operações tipicamente alquímicas.

¹ Psicólogo formado pelo Mackenzie, aluno de pós-graduação em Ciências da Religião da PUC/SP.

1. Introdução

Como psicólogo e cientista da religião em formação, sempre me interessei pelo conteúdo simbólico presente tanto na iconografia quanto nos mitos presentes em diversas religiões. Sempre pude perceber a presença de analogias possíveis em diferentes sistemas e realizar algumas comparações intuitivas.

Sem querer reduzir a experiência religiosa ou limitar a expressão simbólica pela psicologia ou delimitá-la como uma expressão apenas sócio histórica, mas compreender, dentro de suas possibilidades, a rica importância que os mitos podem trazer como instrumentos de investigação inconsciente.

2. Método

O trabalho pretende explorar possíveis correlações simbólicas entre a alquimia e um mito africano da Orixá Oxum apresentado por Reginaldo Prandi (2003), tendo como ponto de partida o símbolo da água. Será realizado uma amplificação simbólica do mito, analisando suas estrofes e comparando-as a possíveis interpretações psicológicas e alquímicas.

O processo de amplificação simbólica proposto por Jung consiste em ampliar e enriquecer os elementos do símbolo através de associações e analogias que fluem numa cadeia contínua de similaridades, visando a traduzir e interpretar o material desconhecido do símbolo. O ato de ampliar e enriquecer o símbolo, por meio de analogias diversas, favorece a compreensão de seu significado arquetípico pela diversidade de possibilidades oferecidas ao ego para captar o aspecto oculto do símbolo e encontrar o significado que mais faça sentido para a consciência atual. (JÚNIOR apud PENNA, 2007, p. 93)

3. Discussão

3.1. Alquimia e Psicologia

O estudo da alquimia e seus recursos simbólicos apresenta-se como um fértil método de investigação psicológica, pois abarca uma dimensão correlata com a expressão inconsciente e sua forma simbólica de manifestação, tal afirmação pode ser confirmada por Jung (2011) quando fala dos conteúdos imagéticos dos antigos alquimistas:

Um provérbio latino diz: “Canis panem somniat, piscator pisces (O cão sonha com o pão, o pescador com peixes.) Assim também sonha o alquimista com a imagem que lhe é própria [...] Afim de compreendê-la inteiramente deveríamos conhecer o segredo psicológico da alquimia [...] Além disso, o simbolismo alquímico se relaciona muito com a estrutura do inconsciente, conforme expus em meu livro Psicologia e Alquimia. Tais casos não são de modo algum curiosidades, e quem se propõe conhecer o simbolismo do sonho não pode fechar os olhos para o fato de que os sonhos do homem moderno podem conter imagens e metáforas que encontramos nos tratados eruditos da Idade Média. (JUNG, 2011, p. 72/73)

Compreender, portanto, o universo simbólico da alquimia permite um aprofundamento nas raízes do inconsciente e um alargamento da compreensão da psique. Tal compreensão permite uma comunicação produtiva entre as esferas conscientes e inconscientes, permitindo uma troca saudável dos fluxos e polaridades, ampliando a compreensão dos arquétipos e facilitando assim o chamado processo de individuação.

O lado místico da alquimia é, deixando de lado o aspecto histórico, um problema psicológico. Trata-se, ao que parece, do simbolismo concretizado (projetado) do processo de individuação. Este produz ainda hoje símbolos que tem a mais íntima relação com a alquimia”. (JUNG, 2011, p. 115)

A alquimia apresenta um extenso compêndio de imagens, símbolos e operações. Nem sempre os alquimistas entram em acordo, mas todas carregam, de forma essencial, os instrumentos necessários para a transformação da realidade. Como aponta Jung (1990, p.257) “o alquimista vivenciava sua projeção como uma propriedade da matéria; mas o que vivenciava na realidade era o seu inconsciente”. Desta forma,

compreendemos que todas as operações alquímicas e seus elementos, dizem respeito ao conteúdo do inconsciente e seu simbolismo.

É possível encontrar e traçar paralelos de diversos sistemas simbólicos e mitológicos acessando as camadas mais profundas, e arquetípicas da psique. Assim como a alquimia, os mitos representam de forma alegórica o conteúdo do inconsciente coletivo, assim como afirma ZACHARIAS (1998, p. 69) “toda mitologia é uma projeção de conteúdos do inconsciente coletivo”.

No caso desse trabalho, como já dito, será enfatizado os aspectos inconscientes de um mito de Oxum, e seus possíveis paralelos com algumas alegorias alquímicas e psicológicas.

3.2. Arquétipo de Oxum

A escolha do panteão lorubá se dá por afinidades e interesses particulares, muito embora já seja estudado em diversos trabalhos, de dimensões simbólicas, antropológicas, psicológicas religiosas e etc.. Não cabe ao trabalho esgotar os elementos inconscientes presentes neste sistema cultural, da mesma forma que não pretende reduzir essa expressão religiosa a um ‘simples fator psicológico ou social’.

É evidente que o simples fato de alguém frequentar a Umbanda não promoverá a integração destes elementos inconscientes, mas uma elaboração profunda sobre estas imagens pode contribuir tanto quanto os mitos gregos ou europeus. (ZACHARIAS, 1990, p.49)

Percebe-se, portanto, que a riqueza mitológica deste universo é igualmente fértil às esferas mitológicas gregas ou europeias. Desta forma, o paralelo com imagens alquímicas se mostra possível e pertinente, afinal, como aponta Edinger (2006), as operações alquímicas se aproximam de toda manifestação cultural e simbólica, já que provém da mesma fonte:

Praticamente todo o conjunto de imagens alquímicas pode ser organizado em torno dessas operações – o que não se aplica apenas a esse conjunto de imagens. Muitas imagens mitológicas, religiosas e folclóricas também giram

em torno delas, já que vêm da mesma fonte: a psique arquetípica”(EDINGER, 2006, p.32)

Oxum é a Orixá das águas doces, “senhora de docilidade e meiguice jovial, mas que também pode se apresentar como guerreira” (ZACHARIAS, 1990 p.176). Apresenta características típicas do feminino: sedução, envolvimento, fertilidade e gestação e “afirma a importância dos atributos femininos no mundo” (ZACHARIAS, 1990 p.177).

3.3. Mito de Oxum

O mito a seguir foi intitulado “Oxum é transformada em pavão e abutre” e foi retirado do livro “A Mitologia dos Orixás” de Reginaldo Prandi (2003, p.341/342/343). Segue na íntegra:

Nos primeiros dias do mundo em Ilé Ifé os òrìsà se cansaram de servir a Òlódùmarè.

Eles começaram a resistir aos decretos do Senhor do òrun e até mesmo chegaram a tramar a deposição de Òlódùmarè no òrun e no ayé.

Eles achavam que não precisavam de Òlódùmarè e que, como o Senhor do òrun estava tão distante, eles poderiam simplesmente dividir a dor ou os poderes entre si e as coisas seriam muito melhores assim.

Quando Òlódùmarè travou o vento desta atitude, o Senhor do òrun agiu de forma simples e decisiva:

Ele simplesmente reteve a chuva do ayé.

Logo, o mundo ficou possuído por um projeto surpreendente, o solo tornou-se seco e rachado, as plantas secaram e morreram sem água.

E não demorou muito para que todos no Ayé, os òrìsà e seus filhos começassem a morrer de fome. Depois de um curto período de tempo,

as barrigas roncando e os rostos pálidos começaram a falar mais alto do que o orgulho e rebeldia.

Eles decidiram por unanimidade ir a Òlódùmarè e pedir perdão na esperança de que isso traria a chuva de volta ao mundo.

Mas eles tinham um problema: nenhum deles teria como alcançar a distante casa de Òlódùmarè.

Eles mandaram todos os pássaros um por um tentar a viagem, mas todos falharam, ficaram cansados muito antes de chegar ao palácio do Senhor do Òrun. Começou a parecer que toda a esperança estava perdida.

Então, um dia, o pavão, que era na realidade Òsún, veio a oferecer seus serviços para salvar o mundo da seca.

Mais uma vez houve revolta geral e risos com os òrìsà contemplando a ideia deste pássaro vaidoso e mimado empreender tal viagem.

“Você pode quebrar uma unha”, disse um deles.

Mas o pavão persistiu e como eles não tinham nada a perder, eles concordaram em deixá-la tentar.

Assim, o pavão voou na direção do oòrun (sol) e do palácio de Òlódùmarè. Ela cansou da viagem, mas ela continuou a voar cada vez mais elevado, determinada a alcançar o Senhor do órun e salvar o mundo. Indo ainda mais alto, suas penas começaram a se tornar desgrenhadas e pretas a partir do calor fulminante do sol e todas as penas de sua cabeça se queimaram, mas ela continuou voando.

Finalmente, através da vontade e da determinação, ela chegou às portas do palácio de Òlódùmarè. Quando Òlódùmarè veio sobre ela, teve uma visão patética, ela havia perdido muito de suas penas e as que permaneceram eram negras e desgrenhadas. Sua forma outrora bela,

agora era corcunda e sua cabeça era careca e coberta com queimaduras por voar tão perto do oòrun (sol).

O Senhor do òrun teve pena dela e trouxe-a para o palácio onde ele tinha comida e água e suas feridas foram tratadas. Ele perguntou por que ele tinha feito uma viagem tão perigosa. Ela explicou o estado do planeta e passou a dizer a Òlódùmarè que ele tinha vindo em risco de sua própria vida para que seus filhos (a humanidade) pudessem viver.

Quando Òlódùmarè olhou para o mundo e viu o olhar melancólico de Òsún, era óbvio que tudo o que ela tinha dito era verdade. O Senhor do órun, em seguida, virou-se para o pavão, que agora era o que chamamos de abutre, e disse que seus filhos seriam poupados desta dor e ordenou que a chuva começasse a cair de novo.

Então Òlódùmarè olhou profundamente nos olhos de Òsún e em seu coração, então anunciou que por toda a eternidade, ela seria o Mensageiro da Casa de Òlódùmarè e que todos teriam que respeitá-la como tal.

Daquele dia em diante neste caminho, ela se tornou conhecida como Ikolè Òsún, o mensageiro da casa de Òlódùmarè.

E a partir daquele dia o caminho de Òsún conhecido como Ibù Ikolé foi reverenciado e se tornou associado com seu pássaro, o abutre (urubu). O abutre, em seguida, retornou ao ayé, trazendo com ele a chuva, onde se encontrou em grande regozijo. Como convém a uma rainha ou Ìyálodè, ela graciosamente absteve-se de lembrá-los de suas piadas e abusos como ela, podia se ver a vergonha em seus rostos. É por isso que, sempre que uma pessoa tornar-se iniciada como um sacerdote em nossa religião, não importa em qual òrìsà ela foi iniciada, ela deve primeiramente ir ao rio e dar conta do que está fazendo a Òsún, A Mensageira de Òlódùmarè.

3.4. Amplificações:

Muito poderia ser dito sobre o simbolismo presente neste mito. No entanto vamos sintetizá-lo e analisar sua temática principal: a esterilidade do reino dos Orixás.

Esse mito é muito parecido com a história de Parsifal e do Santo Graal. O reino do Rei Pescador também sofria com secas e falta de fertilidade da terra, e Robert Johnsson (1987) interpretou essa passagem como o reino sendo análogo ao Self (selbst) e o Rei ao ego. O Ego machucado só poderia ser curado caso abrisse mãe da polaridade neurótica que se encontrava e

Para um homem realmente curar-se é necessário que ele permita a entrada de um elemento inteiramente diferente que o faça mudar. Não poderá ser curado se permanecer no mesmo estado de consciência". (JOHNSSON, 1987, p.27)

Se considerarmos que os Orixás seriam aspectos da consciência distanciados do Self, representado no mito por Olodumare, o deus supremo, seria de se esperar que problemas iriam acontecer deixando a consciência na mão de complexos. A infertilidade da terra denota a possível unilateralidade da consciência que, na ausência de características femininas, precisou de Oxum, arquétipo feminino por excelência, para realizar novamente a ligação (ou integração) com o inconsciente. A água como solução para o problema da seca, também apresenta uma característica simbólica típica da alquimia, pois a partir dela, tudo é passível de transformação. A água é a origem da vida, e por isso feminina, É um símbolo para o inconsciente, fertiliza a consciência e permite florescer seus potenciais latentes. A operação alquímica ligada ao elemento água é a *solutio*.

A operação de *solutio* é um dos principais procedimentos da alquimia. Diz um texto: "A *solutio* é a raiz da alquimia". Outro afirma: "Não faça nenhuma operação enquanto não transformares tudo em água". Em muitos textos, a opus inteira é resumida pela frase: "Dissolve e coagula." Da mesma maneira que calcinato pertence ao elemento fogo, a *coagulatio* ao elemento terra e a *sublimatio* ao elemento ar, a *solutio* pertence à água. Em termos essenciais, a

solutio transforma um sólido num líquido. O sólido parece desaparecer no solvente, como se tivesse sido engolido. Para o alquimista, a solutio significava o retorno da matéria diferenciada ao seu estado indiferenciado original – isto é, à prima matéria. Considerava-se a água como um retorno ao útero para fins de renascimento. (EDINGER, 2006, p. 67)

Outro símbolo que podemos explorar no mito é o do pavão em chamas. Para Jung (1990, p. 437) “o pavão é um antigo símbolo cristão do Salvador”, e nos remete a ideia de sacrifício, tema típico nas jornadas arquetípicas de herói, e “é um parente próximo da Fênix”. Associado ao elemento fogo, podemos citar a operação da *calcinato* para aprofundar ainda mais o simbolismo alquímico presente no mito:

Em toda a parte, associa-se o fogo com Deus, sendo ele, por conseguinte, representante das energias que transcendem o ego e são experimentadas como numinosas. (EDINGER, 2006, p.52)

Ao sair da terra e ir ao encontro do divino, Oxum sofre algo simbolicamente equiparado ao fogo da purificação, pois só assim pode adentrar os reinos superiores, a casa de Olodumare ou o centro psíquico do Self. Essa ‘ponte’ exige sacrifícios já que, desde os tempos primitivos, “concebia-se o fogo como um vínculo conector entre os reinos divino e humano”. (EDINGER, 2006, p. 57)

4. Considerações Finais

Estas foram algumas das possíveis correlações alquímicas possíveis de serem feitas entre o sistema simbólico da alquimia e a mitologia dos Orixás.

Evidentemente a natureza deste trabalho é bastante subjetiva, afinal essa é uma característica marcante de qualquer atividade simbólica que considera a epistemologia junguiana como base metodológica.

O pesquisador participa ativamente do processo de pesquisa interagindo com os aspectos conscientes e inconscientes do fenômeno pesquisado. Assim,

os elementos conscientes e inconscientes do próprio pesquisador têm papel importante durante todo o processo. (PENNA, 2007, p.129)

Como já dito inicialmente, o trabalho não pretende esgotar a fonte simbólica destes sistemas (alquimia e mitologia lorubá) e muito menos limitar a experiência religiosa, pois como afirma Mircea Eliade:

Delimitar este fenômeno (religioso)... pela psicologia, pela sociologia e pela ciência econômica, pela linguística, etc... é traí-lo, é deixar escapar precisamente aquilo que nele existe de único e irreduzível, ou seja, o seu caráter sagrado. (WIRTH apud ROHDEN, 2003,p.172)

Espero desta forma, ter contribuído, ao menos um pouco, para o estudo simbólico e comparativo das religiões, mesmo que expressando de forma sintética algumas das analogias que pude realizar ao longo de alguns estudos sobre a Alquimia e a mitologia lorubá.

5. Referências Bibliográficas

EDINGER, Edward. Anatomia da Psique. O Simbolismo Alquímico na Psicoterapia. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

JOHNSON, Robert A. HE: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina. São Paulo: Mercúrio, 1987

JUNG, Carl Gustav. Estudos alquímicos. Obras completas v. XIII. Petrópolis: Vozes, 2003.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e Alquimia. Obras Completas vol. XII. Petrópolis: Vozes, 1990.

JÚNIOR, Péricles Pinheiro Machado. O Baú dos Sonhos Adormecidos: A dimensão simbólica da rinite alérgica em um estudo de caso. Boletim de Psicologia, Vol. LVII, nº 126:089-106, 2007.

PENNA, Maria Eloísa Damasco. D. Pesquisa em Psicologia Analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. Boletim de Psicologia, 2007, Vol LVII, nº 127:127-138

PRANDI, Reginaldo, Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WIRTH, L. E. . A memória religiosa como fonte de investigação historiográfica. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo - SP, v. 25, p. 171-183, 2003.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. Ori Axé. A Dimensão Arquetípica dos Orixás. São Paulo: Vetor, 1998.